

I A LITERATURA INFANTIL  
E INFANTO-JUVENIL:  
*perspectivas, desafios e ensino*

BRANCA

## O Papel da Literatura Infantil e Infanto-Juvenil na Formação do Leitor

Gilmei Francisco Fleck<sup>1</sup>

**Resumo:** A literatura infantil e infanto-juvenil é, por essência, a porta de entrada ao mundo da leitura e da literatura, cuja compreensão consideramos a substância mais apurada do processo de leitura. O acesso a elas garante ao futuro leitor uma experiência que conduz ao processo crítico de leitura em níveis profundos, oportunizando-lhe uma integração ao mundo elitizado daqueles que dominam um dos mais complexos processos psicolinguísticos requeridos em nosso cotidiano. Neste artigo, procuramos discutir como este processo de iniciação à leitura e à literatura, por meio da aproximação e exploração do universo literário infantil e infanto-juvenil, é fator determinante para as experiências leitoras da vida adulta. Ancorados nos estudos que consideram a leitura como um processo complexo, que envolve muito mais do que a decodificação dos signos lingüísticos, buscamos refletir sobre o papel da escola e do professor, da família e dos pais, neste processo de formação do leitor.

**Palavras-chave:** Leitura. Literatura. Leitor.

O ser humano distingue-se das demais espécies animais, sobretudo, por sua imensa capacidade comunicativa, bem como pela sua incessante busca de compreensão do passado, valendo-se, para tanto, da linguagem. Isso só lhe é possível porque possui também o conhecimento necessário para registrar o que fala, pensa, inventa e descobre, fazendo

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em Literatura e Vida Social - UNESP/Assis. Professor de Literaturas e Cultura Hispânica da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Cascavel.  
chicofleck@yahoo.com.br

uso de diversos meios. Esses registros permitem um constante fluir de informações ao longo do tempo. Como resultado desse processo cumulativo de experiências, surge um senso de passado e futuro, não somente de presente. Essa tríplex visão permite ao homem a interpretação da realidade em todas as suas dimensões e o faz ser um leitor crítico, cuja formação pressupõe a afirmação de Paulo Freire (1995, p. 11) de que “a leitura crítica de mundo precede a leitura da palavra, pois linguagem e realidade se ligam dinamicamente”.

De posse desse conhecimento adquirido ao longo da vida, juntamente com a capacidade inerente de transformar o meio, o homem dispõe da opção de preservá-lo ou destruí-lo, conviver em harmonia com seus semelhantes ou, então, subjugar-los, dominando-os e explorando-os. Em sociedades estruturadas em classes, segundo a posição social e econômica, a cultura, o saber e o conhecimento são alguns dos elementos que constituem fortes barreiras à ascensão. Nesses contextos, a leitura surge como sendo o meio mais eficaz, duradouro e consciente de se adquirir cultura e conhecimento.

O aprendizado da leitura é a chave que dá acesso às portas do mundo da literatura, ainda desconhecida de muitos, dentre os quais figuram milhões de brasileiros que não tiveram oportunidades de serem iniciados nesta prática que conduz ao posicionamento crítico. Motivos para isso não faltam. Estes vão desde as condições sociais e econômicas da grande maioria da população, que não consegue se dar o luxo de adquirir livros para os filhos, até a total desinformação sobre a importância da literatura infantil e infanto-juvenil, gerada por um processo educativo no qual a literatura, caso sigamos os caminhos que se vem trilhando nas últimas décadas, tende a desaparecer completamente dos programas do ensino fundamental e médio. Assim, “a literatura, que durante séculos ocupara um papel relevante na vida social, tornou-se cada vez menos importante. Na ‘sociedade do espetáculo’, a escrita literária fica confinada a um espaço restrito na mídia, pelo fato de se prestar pouco à espetacularização” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 177). Cabe, portanto, à família e à escola resgatar o valor dessa arte que sempre foi fator fundamental na formação dos indivíduos.

Saber ler não significa somente saber decifrar ou decodificar os signos lingüísticos; porém, a leitura “é o momento crítico da produção da unidade textual, da sua realidade significante. É nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo, desencadeiam o processo de significação do texto” (ORLANDI, 1988, p. 10).

Obter o pleno conhecimento e domínio da arte de ler constitui-se em uma caminhada, um processo em que cada novo passo aprendido abre inúmeras possibilidades e indica novos rumos a prosseguir. Quando nos dispomos a discutir um tópico como este, é muito importante lembrar que a leitura, em sociedades como a nossa, é arma fortíssima usada para manter algumas classes sociais subjugadas e possibilitar às classes dominantes o controle e direção da situação. Assim, teremos sempre uma minoria elitizada que dela desfruta, enquanto a grande massa não tem pleno acesso a ela, pois, segundo a concepção de Bakhtin (1981, p. 280), “a linguagem não é algo neutro que pode passar fácil e livremente para a propriedade particular das intenções do falante. [...]. Apropriar-se dela, forçá-la a se submeter às nossas próprias intenções e inflexões é difícil e complicado”. A concepção bakhtiniana de linguagem como fenômeno social, vinculada à formação do sujeito pela alteridade, e portadora da visão de que está inserido em um contexto, sendo, pois, permeado e constituído pelos discursos que o circundam, tem uma aproximação direta com a ênfase que se dá neste contexto ao processo geral de educação.

Tal prática, seguramente, passa pela aprendizagem da leitura e se amplia à medida que esta consegue atingir a plenitude da compreensão do texto literário – uma construção artística que manipula o poder de representação dos signos lingüísticos e possibilita ao leitor uma vasta gama de interpretações. A leitura é, como já mencionamos, um processo construído, e seu aprendizado crítico permite ao homem interpretar o mundo em que vive. É ela, pois, que possibilita aos indivíduos compreender os fatos que fizeram com que seu mundo fosse como é. A leitura crítica, porém, não se limita a isso. De posse desse saber, o homem torna-se capaz de analisar, de confrontar, e, pela reflexão e discernimento que daí decorrem, ele se posiciona, buscando soluções àquilo que lhe é problemático. Isso é leitura: conhecimento e compreensão do passado que leva à análise, ao entendimento e à confrontação do presente, que, por sua vez, induz o indivíduo a posicionar-se e, conseqüentemente, buscar mudanças. Tais mudanças, necessariamente, implicarão em transformações em seu futuro. A culminância deste processo tem seu início nos primeiros anos de vida, nos contatos iniciais da criança com o mundo mágico, fantástico e aberto da literatura infantil, cujo acesso garante um aprimoramento do processo de aprendizagem da linguagem como meio de construção e representação da realidade.

A ânsia de manter vivas as conquistas, descobertas e tantas outras experiências vivenciadas, levou nossos antepassados, já os pré-his-

tóricos, a encontrar meios de registrá-las de uma ou outra forma. Estas foram evoluindo até que se chegou a um complexo sistema chamado escrita, fato que, como todos sabemos, marcou o início da história. Os registros desde então feitos, bem como as descobertas anteriores a eles, são os elos que conectam povos, espaços e fatos através do tempo, permitindo-nos hoje, por meio da leitura, saber como viviam nossos ancestrais, quais eram seus anseios e necessidades, suas prováveis procedências, seus hábitos e costumes. Por outro lado, ela é o instrumento que nos possibilita, mesmo vivendo em um mundo globalizado, conhecer melhor nossos semelhantes de perto e de longe, já que a leitura é a viagem que possibilita explorar os mais diversos recônditos de outras culturas.

Dominando e aperfeiçoando cada vez mais o sistema da escrita, o homem passou a efetuar registros sobre as mais diversas manifestações culturais de sua comunidade com maior riqueza de detalhes ao longo de sua própria evolução. A criticidade da leitura da literatura, nesse contexto de aproximação de diferentes culturas, revela-se sempre dialética, pois “ensinar literatura não pode deixar de ter em conta esta dupla dimensão dos textos literários pela qual, ao mesmo tempo em que fazem parte da cultura, e por conseguinte do campo da opinião ou das significações consensuais, são sobretudo o abalar destas” (LOPES, 1994, p. 368).

Propomo-nos, antes de tudo, a repensar o processo da leitura, pois cremos que somente pelo seu domínio nos será possível, como professores, conduzir adequadamente as atividades de ensino de Literatura, levando nossos educandos a perceberem, a sentirem e a comprovarem o papel da ficção, não como um elemento que busca negar, contradizer, ou até mesmo substituir a história, porém, como um forte instrumento desmistificador, que vem buscando desencadear um autêntico processo de transformação social. Destaca-se, nesse cenário, a importância da família e da escola na formação do leitor.

Negar nossa responsabilidade, como professores, na formação de leitores, desde a implantação e desenvolvimento do hábito, até a condução da análise crítica, em todos os segmentos do ensino, é omitir-se como profissional, abnegando aos demais preciosos frutos que poderá o nosso trabalho gerar. Cabe lembrar, aqui, as palavras do pesquisador Richard Bamberger (1991, p. 14), que já mencionava:

[...] se conseguirmos fazer com que a criança tenha sistematicamente uma experiência positiva com a linguagem, antes que as histórias em quadrinhos, as revistas ilustradas e a torrente de imagens veiculadas pelos meios

de comunicação de massa tomem conta dela, estaremos promovendo o seu desenvolvimento como ser humano.

O desenvolvimento do hábito da leitura, então, tem início com os primeiros contatos da criança com o mundo dos livros.

Teorias contemporâneas que buscam analisar o processo da leitura pondo o texto e o leitor como peças centrais das atividades a serem desenvolvidas e vendo-o como uma tarefa complexa, não só cognitiva, mas também psicolinguística, em que os elementos interagem a fim de recriar um discurso significativo, são as linhas mestras que conduzem as pesquisas em torno do processo de leitura na contemporaneidade. Desenvolver tal processo ao ponto de o indivíduo-leitor, ao aproximar-se de um texto literário, ser capaz de compreendê-lo, menos em sua plenitude que em sua magnitude, é o que consideramos um dos passos mais avançados no decorrer da formação do leitor. Entretanto, ressaltamos, com Silva (2005), que

As relações entre leitura e literatura nem sempre são analisadas, reavaliadas e praticadas como deveriam no contexto escolar. A leitura – como atividade atrelada à consciência crítica do mundo, do contexto histórico-social em que o aluno está inserido – precisa ser mais praticada em sala de aula. O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica de mundo. Contudo, esta noção parece perder-se diante de outras concepções que ainda orientam as práticas escolares. (SILVA, 2005, p. 16).

Tal atividade, a princípio, pode parecer simples, mas, se analisada com a devida importância, revelar-se-á como sendo uma tarefa árdua, que requer um amplo conjunto de técnicas e estratégias, até que venha a se transformar no verdadeiro processo de construção de sentido de uma mensagem escrita, com todas as implicações de compreensão, estejam elas explícitas ou implícitas. É assim que se constitui a atividade essencial do que entendemos e definimos como leitura. Trata-se de um processo que inicia já no período pré-escolar, pois, “se os pais e professores do jardim de infância se compenetrarem de que o estímulo precoce é o mais eficaz e de que o treino da linguagem é essencialmente necessário [...] incentivarão as crianças a folhear livros [...]” (BAMBERGER, 1991, p. 64). Das primeiras experiências sensoriais da literatura infantil e suas demais fases, passa-se ao mundo da fantasia e das aventuras do universo da

literatura infanto-juvenil. Tais experiências de leitura, já nos primeiros anos de escola, serão decisivas para os subseqüentes e a função de pais e professores segue, da mesma forma, determinante, uma vez que, se a criança/adolescente fracassar na aprendizagem da leitura, ela a rejeitará e a considerará a causa da sua desagradável experiência. Nesse contexto, cabe ressaltar que “a ajuda do professor no desenvolvimento de interesses e do hábito de leitura é especialmente necessária, em se tratando de leitores fracos” (BAMBERGER, 1991, p. 64-65), ou de leitores menos persistentes na empreitada da construção do sentido, que será sempre único para cada leitor.

Desse modo, a abordagem a um texto é sempre feita de uma forma distinta, dependendo de cada leitor, pois este possui experiências e objetivos pessoais específicos, os quais amparam seus interesses e propósitos de leitura. Ainda que a meta estabelecida em um grupo de leitores seja a mesma para todos, os meios de atingi-la, seguramente, variarão de um para outro, e os resultados, ainda que condizentes com a meta, mostrar-se-ão diferenciados. Embora agindo cada qual de uma forma independente, os agentes da leitura – leitor, texto, autor – necessitam encontrar, conforme assegura Orlandi (1988), um espaço comum que lhes sirva de ponto de partida, de comunhão, de interação e negociação. Surge, nesse contexto, mais um elemento: o professor, que, assim como os demais elementos, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do processo de leitura. Leitores, professores e textos são os elementos mais importantes de um processo que vise à formação de indivíduos-leitores críticos, especialmente quando estes consideram o texto fonte de diferentes leituras, o que vai ao encontro do que defende Derrida (1973) ao expor que um texto não tem um sentido *a priori*, une-se a voz de Menton (1993, p. 44) quando este menciona: “todo texto se arma como um mosaico de citações; todo texto é a absorção e transformação de outro texto”. Há de se considerar, também, os aspectos emocionais presentes em todas as situações de ensino-aprendizagem, que vão desde a motivação, interesses, gostos, preferências, afinidades, a distúrbios, traumas, dificuldades e complexos. Fechar os olhos para esta realidade é conduzir o processo por veredas utópicas que resultarão apenas nos comentários triviais de que nossos alunos não lêem, não se empenham, não têm condições de aprendizagem favoráveis, entre tantos outros. Nesse sentido, cabe lembrar um dos pensamentos mais acertados acerca da leitura e seu poder de transformação:

A leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvi-

mento sistemático da linguagem e da personalidade. Ela favorece a remoção de barreiras educacionais, concedendo oportunidades mais justas de educação, principalmente através da promoção do desenvolvimento intelectual e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de cada indivíduo (BAMBERGER, 1991, p. 10).

De todos os sistemas de linguagem, o da fala humana é o mais complexo e importante, e a escrita é a forma de registrá-lo. Contudo, não basta apenas registrar pensamentos, descobertas e invenções; é necessário que estes registros sejam interpretados e que outros indivíduos venham a fazer uso de seus conteúdos. A leitura crítica será a forma de aproximação desses conhecimentos. Deixar – ou ser impedido – de efetuar-la, é conceder a oportunidade para que outros venham a realizá-la por nós. Tal processo é comum a todos aqueles que, infelizmente, não foram seduzidos pela leitura já nos primeiros anos de escola, no seu contato com a literatura infantil e infanto-juvenil.

Da leitura não se extraem apenas vocábulos, mas formas e estruturas, gêneros e estilos que se projetarão, futuramente, no uso da linguagem e na redação individual e própria do leitor. Como diz Garcia (1983, p. 156), um vocabulário escasso e inadequado, incapaz de veicular impressões e concepções, mina o próprio desenvolvimento mental, limitando a capacidade de observar, compreender e até mesmo sentir. Ainda, de acordo com Garcia (1983, p. 136), sabemos que quanto mais variado e ativo for o vocabulário disponível, tanto mais claro, tanto mais profundo e acurado será o processo mental de reflexão. Por outro lado, quanto mais escasso e impreciso o vocabulário, tanto mais dependentes estamos do grunhido, do grito ou do gesto, formas rudimentares de comunicação, capazes de traduzir apenas expansões instintivas dos primitivos, dos infantes e dos irracionais. A formação do campo lexical perpassa, sem dúvida, o mundo da leitura, e o sujeito que, em sua infância, foi introduzido ao mundo da fantasia dos contos de fadas, das lendas, das fábulas, das histórias em quadrinho, dos romances de aventura e de outras modalidades, dispõem, em sua fase adulta, de um repertório lingüístico amplo e variado que os tornam capazes de se expressar nas diferentes situações comunicativas com as quais se enfrentam em seu dia-a-dia.

Assim, vê-se que o desenvolvimento da linguagem se dá pela prática da convivência grupal e pela leitura, e esta, particularmente, possibi-

lita o contato com realidades distintas, novas e formadoras, que tendem a expandir os horizontes do leitor, auxiliando-o a adaptar-se às diferentes situações e usos da linguagem. Reflexos deste processo de leitura que se inicia pela literatura infantil e infanto-juvenil acompanham o indivíduo por toda a sua existência, refletindo-se nos mais variados campos. Entre estes, podemos citar uma área bastante problemática e alvo de críticas da maioria dos profissionais da educação: a produção textual.

A leitura está diretamente associada a tal processo, uma vez que ela é considerada a matéria bruta, a entrada de informações no cérebro, enquanto a escrita é vista, sob esta perspectiva de aprendizagem de línguas, como um produto que se exterioriza a partir de elementos acumulados. Assim, “escreve-se somente a partir do que se compreende que acontece na leitura: escrever obriga a teorizar suas estratégias de leitura, enquanto ler obriga a teorizar suas estratégias de escrita” (FOUCAMBERT, 1994, p. 77). Tais processos são, sem dúvida, complexos, e se não forem incentivados já nos primeiros contatos do sujeito com o mundo literário, tendem a não se consolidar ao longo da vida.

Portanto, a leitura e a escrita são conseqüências uma da outra. Procurar isolá-las é, automaticamente, decretar a morte e a anulação de ambas. Numa relação de coexistência, elas se apóiam, integram-se, sustentam-se, gerando uma a outra, num ciclo produtivo e evolutivo. Para que se possa instaurar um processo de comunicação de fato, os seus elementos, produtor (autor), interlocutor (leitor), texto e discurso necessitam estar estreitamente ligados por elos que possibilitem a efetivação desse ato. Estes elos constituem o processo de leitura e de escrita. Caso se tenha o domínio apenas de uma das partes envolvidas no processo, não há como efetivá-lo. Aprender a ler e a escrever, segundo Haqira Osakabe (1995, p. 15), são necessidades tão gritantes que sua rejeição é capaz de indicar o alheamento do sujeito.

A leitura, feita de forma crítica, leva o indivíduo a agir, criando seu próprio texto, utilizando-se da escrita da mesma forma como o produtor o fez. Esta nova mensagem terá outros receptores, que, por sua vez, produzirão seus textos, e assim o ciclo produtivo e evolutivo segue seu percurso. A cada nova etapa, a mensagem vai sendo depurada, mais acurada, melhor elaborada, assim o desenvolvimento da habilidade de escrita de um sujeito ao longo desse processo é estimulado, ou seja, à medida que o tempo passa, e que o sujeito ‘se alimenta’ de mais leituras, o seu processo de escrita vai se aprimorando, solidificando estratégias e definindo um estilo peculiar que

lhe proporciona o prazer da produção textual. Isso nos mostra que a verdadeira leitura está intimamente ligada à escrita, e vice-versa. Incentivar o aprendiz a buscar na leitura uma fonte permanente de referência para sua produção escrita não significa dar-lhe um texto e cobrar-lhe outro. Prezar pela formação do hábito e gosto pela leitura de nossos aprendizes é incentivá-los e encorajá-los, preparando-os cuidadosamente para assumir, com segurança, as suas habilidades futuras de expressão escrita e oral. O sucesso desta tarefa depende, em parte, como aponta Ana Maria Ribeiro (1987, p. 24), da seleção do material, pois os textos possuem um papel essencial na comunidade. São eles que levarão o educando a organizar e desenvolver o pensamento formal, bem como desenvolver a sensibilidade e o senso crítico. De posse destas capacidades, o indivíduo assume-se, define-se e situa-se frente ao mundo e aos outros homens, participando ativa e criticamente da sociedade.

Se tais propósitos forem implantados desde o início da vida, o contato com a literatura passará a dar-se, no universo da educação formal, em um nível muito mais profundo e seus reflexos na escrita, por sua vez, também se mostrarão mais positivos. Contudo, a relação entre ensino e literatura nunca esteve tão distante como na contemporaneidade. O ensino formal da literatura tem sido, gradativamente, eliminado das grades curriculares, e sua abordagem fica restrita à vontade e ao entusiasmo de alguns poucos profissionais que ainda se aventuram por estes caminhos do imaginário para desenvolver a capacidade de produção de linguagem em seus aprendizes. Deste modo,

Falar em leitura e literatura é falar de um fenômeno social que envolve as condições de emergência e utilização de determinados escritos, em determinada época; é pensá-las do ponto de vista de seu funcionamento sócio-histórico, antes e para além de platônicos e redutores juízos de valor (MAGNANI, 1989, p. 28).

Muito se tem discutido, pesquisado e escrito sobre a relação entre leitura, literatura e escola, e nosso intento aqui não deixa de ser ingênuo, movido mais pela paixão do que pela razão, já que, neste ponto de nosso trabalho, não poderíamos deixar de abordar este aspecto, pois, conforme declara o professor Ezequiel Theodoro da Silva (2003, p. 27), “apaixonar-se por leitura é conhecer novos escritores por meio das suas obras e, caso veja nele coisas que o encantem ou que lhe fale mais diretamente da existência, devorar, curtindo, tudo aquilo que

ele escrever”. Essa “paixão” por grandes escritores e suas obras canônicas advém, sem dúvida, da experiência gratificante, criativa e prazerosa iniciada com a literatura infantil e infanto-juvenil.

Os aspectos referentes à leitura abordados anteriormente constituem, em sua maioria, pequenos subsídios que, ao nosso ver, poderão contribuir para, na prática, melhorar esta relação, embora se saiba que as escolas não conseguem efetivamente cumprir com seu importante papel de formar leitores críticos, e que estas nem sempre possuem as condições físicas, materiais e humanas para a real prática da leitura, como revelam muito bem as pesquisas de Regina Zilbermann (1986), relatadas em sua obra *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Entretanto, sabe-se, também, que é este o local privilegiado onde o processo de leitura crítica se instaura, ou, pelo menos, deveria se instaurar, com a plena exploração, a princípio, da imaginação e da fantasia contidas nos textos de literatura infantil e infanto-juvenil. Vejamos que “não é o fato de um texto pertencer à literatura infantil que irá classificá-lo como fácil [...]. Fatores contextuais, repertório dos leitores, organização estética do texto, nível de linguagem interferem no processo de leitura e podem influenciar o receptor no julgamento de valores sobre o texto lido” (SILVA, 2005, p. 53). A literatura infantil e infanto-juvenil precisa, portanto, ser tratada com a mesma seriedade que as outras expressões literárias, voltadas a um público adulto. Como já mencionamos, a escola precisa democratizar-se, e aqui nos referimos não somente à realização efetiva dos projetos de integração entre os distintos níveis do sistema de educação, propostos pelos diversos órgãos do governo, mas também aos aspectos de relacionamento entre as diversas áreas e os que atuam em seus diferentes segmentos, pois, ao nosso ver, tais relacionamentos, na atualidade, servem de paródia para o modelo de sociedade estratificada na qual vivemos. Só assim a leitura da literatura poderá encontrar na escola, seja em qual for o nível, um campo fértil e nele frutificar. Advogamos que “uma abordagem de leitura deve levar o aluno ao prazer da descoberta. Para isso, a leitura deve ser encarada como um jogo, uma atividade lúdica que exige o engajamento cognitivo” (KLEIMAN, 1999, p. 129). Em nossa opinião, esse engajamento deve ocorrer tanto por parte dos leitores como dos professores que os orientam ao longo do processo, no intuito de compreender as diferentes instâncias pelas quais passa o processo de leitura até constituir-se nesta leitura crítica de mundo, capaz de estabelecer relações entre os três tempos que mencionamos no começo deste

texto: passado, presente e futuro. Uma prática que, seguramente levará o leitor a transformar-se e, em consequência, transformar o seu meio.

A deficiência na qualidade das leituras efetuadas pela maioria dos estudantes em sala de aula, de textos normalmente encontrados nos livros didáticos, tem suas raízes numa série de fatores históricos, sócio-econômicos, políticos e culturais, dos quais a sociedade tem se dado conta, e nós não poderíamos deixar de mencionar a leitura da literatura neste trabalho, sob a ótica de seus grandes pesquisadores em nosso país. Embora façamos aqui uma abordagem extremamente simples, cremos no poder transformador da leitura. Referimo-nos, aqui, a uma leitura que seja fruto de fantasias, emoções, sonhos, sensibilidade solta e liberdade de espírito; que venha a despertar no estudante a sua criatividade, imaginação; que aguçe seu espírito e faça fluir nele um criador; que forme o gosto pela leitura, pois, como já disse Lajolo (1994, p. 106), é à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos, por meio dos quais uma sociedade, mesmo estratificada como a nossa, expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias, numa tentativa de solução.

A literatura é arte e arte é recriação, expressão da realidade. Criar é estar com todos os sentidos concentrados, com o inconsciente emergindo livremente. Em se tratando de leitura, é ir além dos códigos comuns, já gastos, para provocar o surgimento de uma leitura simbólica, tensa, intensa e emotiva, em que o leitor participa e tem espaço para criar e recriar, compartilhando com o autor, dele aprendendo e com ele estabelecendo um pacto, um constante diálogo, do qual há de resultar uma nova visão, um enriquecimento cultural e pessoal. Possibilitar a leitura da literatura em todos os seus níveis é, portanto, despertar no indivíduo as suas potencialidades criadoras; é dar-lhe espaço para agir no texto e no contexto, em que o conhecimento prévio do leitor constitui-se, *a priori*, base fundamental para a efetivação do ato de ler criticamente.

A leitura da literatura, mesmo sendo voltada aos textos iniciais, não requer um posicionamento somente receptivo e passivo, pois

A atividade com a literatura infantil – e, por extensão, com todo o tipo de obra de arte ficcional – desemboca num exercício de hermenêutica, uma vez que é mister dar relevância ao processo de compreensão, pois é esta que complementa a recepção, na medida em que não apenas

evidencia a captação de um sentido, mas as relações que existem entre a significação e a situação atual e histórica do leitor (ZILBERMANN, 1998, p. 24).

A leitura de qualquer obra ficcional requer, isto sim, a participação ativa das sensações, emoções e do intelecto, traduzidos em atos ativos de compreensão, entendimento, reflexão e ação. Esses elementos se constituirão em frutos do processo da leitura crítica, os quais moverão, impulsionarão o leitor a agir diretamente em seu meio. Nisto consiste, pois, a leitura da literatura. Nossas escolas precisam aprender a explorar toda a potencialidade das “historinhas”, das aventuras, ficções, contos, poemas e romances, e não deixar que apenas ocorram leituras evasivas, que não ultrapassem os limites da emoção e que sejam usados tão corriqueiramente como atividades e exercícios de relacionar personagem, eleger ações prediletas, comentar atitudes e características das personagens, entre outros, nas poucas aulas de literatura.

Os textos mais curtos e não fragmentados, como poemas, fábulas, contos, são ideais para se introduzir a literatura no programa de leitura. Sua compreensão será facilitada pelo conhecimento prévio do gênero, e pelas discussões que se deveria oportunizar. Esses procedimentos auxiliarão os estudantes a vê-los como um discurso coerente dentro de seu contexto sócio-cultural. Dessa maneira, poder-se-á, inclusive, despertar o interesse dos estudantes para futuras leituras mais densas e extensas. Sabe-se que a leitura da literatura depende de uma série de conhecimentos teóricos que embasam um processo formal de análise do texto. Da mesma forma, vemos que muitas teorias sobre o processo da leitura vêm se estabelecendo, e o conhecimento delas e sua conseqüente aplicação em classe têm auxiliado na formação de leitores e, assim, nas obtenções de resultados mais satisfatórios e profundos para ambos, professores e alunos, na realização da tarefa de ler. A junção dessas teorias, com a contribuição da lingüística e outras áreas, parece ser o caminho mais acertado para se chegar ao desenvolvimento e à capacitação de leitores críticos, conscientes de sua realidade e das possíveis formas de transformá-la.

Um dos maiores empecilhos para a realização desta união de teorias e da instalação de um verdadeiro projeto de formação do leitor crítico é, justamente, um dos reflexos da estratificação de nosso sistema educacional, em que cada nível supõe, julga e afirma que esta tarefa não lhe cabe, que isso deveria ter sido feito nos níveis antece-

dentes e que agora já é tarde demais para iniciar-se aquilo que ninguém até ali havia feito, que isso não cabe ao contexto específico deste estágio de aprendizagem, afora outras tantas desculpas que impedem a leitura de encontrar o seu espaço privilegiado no mundo como um meio de entendermos melhor os outros e a nós mesmos.

Os espaços restritos que a literatura infantil e infanto-juvenil encontram no sistema educacional são, também, reflexo da precariedade em que se encontra a totalidade do processo de formação de leitores críticos em nosso país. Oportunizar, em primeira instância, a leitura de obras dentro deste contexto e, em outras instâncias, a discussão sobre a importância desta tarefa deve, portanto, ser elemento essencial na formação de profissionais da área da educação. Compreender a importância da iniciação do sujeito no mundo literário, por meio da exploração da literatura infantil e infanto-juvenil, é lançar boas sementes num solo fértil, que, no futuro, revelará frutos como a criticidade, o engajamento social e político, a consciência de que todo ser humano é agente histórico – elementos constituintes das ações de um leitor crítico, transformador do meio pela capacidade de compreensão e pelo domínio do poder da palavra como construtora de discursos.

**Resumen:** *La literatura infantil e infanto-juvenil es, por esencia, la puerta de entrada al mundo de la lectura y de la literatura, cuya comprensión consideramos la sustancia más apurada del proceso de lectura. El acceso a ellas garantiza al futuro lector una experiencia que le conducirá al proceso crítico de lectura en niveles profundos, ofreciéndole una integración al mundo elitista de aquellos que dominan uno de los más complejos procesos psicolingüísticos requeridos en nuestro cotidiano. A lo largo de este artículo, procuramos discutir como este proceso de iniciación a la lectura y a la literatura, por medio de la aproximación y explotación del universo literario infantil e infanto-juvenil, es factor determinante para las experiencias lectoras de la vida adulta. Apoyados en los estudios que consideran a la lectura como un proceso complejo, que envuelve mucho más que la decodificación de los signos lingüísticos, buscamos reflejar sobre el rol de la escuela y del profesor, de la familia y de los padres, a lo largo de este proceso de formación del lector.*

**Palabras clave:** *Lectura. Literatura. Lector.*

**Referências**

BAKHTIN, M. M. *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas, 1981.

BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito da leitura*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FOUCAMBERT, J. *A leitura em questão*. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1995.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 11. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.

LAJOLO, M. *Do mundo de leitura para a leitura do mundo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

KLEIMAN, A.; MORAES, S. E. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

LOPES, S. R. *A legitimação em Literatura*. Lisboa: Cosmos, 1994.

MAGNANI, M. R. M. *Leitura, literatura e escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MENTON, Seymour. *La Nueva Novela Histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

OSAKABE, H. O mundo da escrita. In: ABREU, M. (Org.). *Leituras no Brasil*. Campinas: Mercado Aberto, 1995.

PERRONE-MOISÉS, L. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RIBEIRO, A. M. O árduo caminho da alfabetização. *Revista do Professor*, Porto Alegre, n. 12, p. 24-27, out./dez. 1987.

SILVA, E. T. da. *Leitura em curso: trilogia pedagógica*. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, I. M. M. *Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar*. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, 2005.

ZILBERMANN, R. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ZILBERMANN, R. *A Literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1998.

BRANCA